CENTRO UNIVERSITÁRIO UNISOCIESC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

KARINA ZULAUF TIRONI

CONHECENDO A MORTE ATRAVÉS DO LIVRO INFANTIL: “PODE CHORAR, CORAÇÃO, MAS FIQUE INTEIRO”

BLUMENAU/SC
2023

KARINA ZULAUF TIRONI

CONHECENDO A MORTE ATRAVÉS DO LIVRO INFANTIL: “PODE CHORAR, CORAÇÃO, MAS FIQUE INTEIRO”

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Unisociesc como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra Flávia Roberta Busarello

BLUMENAU/SC

2023

KARINA ZULAUF TIRONI

CONHECENDO A MORTE ATRAVÉS DO LIVRO INFANTIL: "PODE CHORAR, CORAÇÃO, MAS FIQUE INTEIRO"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia da Unisociesc como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra Flávia Roberta Busarello

Aprovado em: ___/___/_____.

_____

Presidente: Profa. Flávia Roberta Busarello, Dra - Orientadora, Unisociesc.

_____

Membro: Amanda Lang

_____

Membro: Carla de Almeida Vitória

Agradecimentos

A parte mais difícil de se escrever um livro, na minha opinião, é a seção de agradecimentos: é sempre muita gente para lembrar e fica aquela sensação de ter esquecido de mencionar alguém. Isto abrange também, ao que vejo, este estudo; por isso, desta vez, serei mais breve.

Para começar, agradeço ao meu noivo, Gabriel Diego Medeiros e minha querida amiga e orientadora, Flávia Busarello, que, em momentos muito difíceis, onde duvidei das minhas capacidades, me lembraram que meu amor pela escrita teria lugar, sim, em um trabalho acadêmico. Algumas vezes seria podado aqui e ali, mas eu também poderia me esticar e dramatizar, se quisesse. Este trabalho teria sido muito mais doloroso se não pudesse reconhecer a mim mesma quando lesse as palavras que escrevi, então eu tenho muito mesmo a agradecer!

Agradeço aos meus pais que me possibilitaram o estudo e a conclusão desta graduação. Amo muito vocês mais do que qualquer coisa que eu possa escrever aqui.

Agradeço também às duas mulheres que toparam participar da banca, Amanda Lang e Carla de Almeida Vitória. Muito obrigada!

E, por fim, agradeço aos amigos que fiz durante a graduação, que tornaram o aprendizado sempre muito divertido e afetivo. Vou sempre lembrar com carinho dessa época em minha vida - por causa de vocês.

Obrigada!

“É porque estou e porque sou profundamente ligado à vida que escrevo sobre a morte.”

Sérgio Perazzo

RESUMO

Parece haver a necessidade de esconder, de “superar” a morte o mais rápido possível. E se já é algo tão complicado para os adultos, como pode ser para as crianças? São essas questões que norteiam este trabalho que possui como objetivo principal analisar o livro infantil do autor dinamarques Glenn Ringtved, “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”, partindo da perspectiva do luto vivenciado por crianças. E, como objetivos específicos: a) Descrever as diversas perspectivas do luto para a psicologia; b) Apresentar a obra “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”do autor Glenn Ringtved; c) Analisar como o processo do luto infantil é desenvolvido nesta obra e d) Compreender como o livro de Glenn Ringtved pode ser utilizado no manejo de psicólogos/as. Para tanto, esta pesquisa baseia-se no método de pesquisas exploratórias e revisão bibliográfica de artigos e livros para a posterior análise do livro infantil de Glenn Ringtved. Os objetivos são elaborados e estudados com base em autores conhecidos por suas obras com temáticas de morte e luto, como Maria Júlia Kovács, Elisabeth Kübler-Ross, John Bowlby, entre outros, e também livros e artigos que tratam do luto infantil e o aprendizado lúdico das crianças. Por fim, uma análise sobre o potencial do livro de Glenn Ringtved para psicólogos ao se tratar de um momento e tema tão difícil quanto a morte.

ABSTRACT

There seems to be a need to hide, to “get over” death as quickly as possible. And if it's already something so complicated for adults, how can it be for children? These are the questions that guide this work, whose main objective is to analyze the children's book by the Danish author Glenn Ringtved, “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”, from the perspective of the grief experienced by children. And, as specific objectives: a) To describe the different perspectives of mourning for psychology; b) Present the work “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” by author Glenn Ringtved; c) To analyze how the child mourning process is developed in this work and d) To understand how Glenn Ringtved's book can be used in the management of psychologists. Therefore, this research is based on the method of exploratory research and bibliographic review of articles and books for the subsequent analysis of the children's book by Glenn Ringtved. The objectives are elaborated and studied based on authors known for their works with themes of death and grief, such as Maria Júlia Kovács, Elisabeth Kübler-Ross, John Bowlby, among others, as well as books and articles that deal with child grief and ludic learning. Finally, an analysis of the potential of Glenn Ringtved's book for psychologists when dealing with a moment and topic as difficult as death.

LISTA DE IMAGENS

1	CAPA DO LIVRO “PODE CHORAR, CORAÇÃO, MAS FIQUE INTEIRO”	19
2	PÁGINA 10 DO LIVRO “PODE CHORAR, CORAÇÃO, MAS FIQUE INTEIRO”	25
3	PÁGINA 27 DO LIVRO “PODE CHORAR, CORAÇÃO, MAS FIQUE INTEIRO”	29

SUMÁRIO

1 O INÍCIO DE TUDO……...12

2 SOBRE O MORRER……...15

3 O LIVRO E O AUTOR……... 19

4 O QUE FICA DA MORTE PARA AS CRIANÇAS?..... 21

5 ÚLTIMAS REFLEXÕES…… 30

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS……...33

1 O INÍCIO DE TUDO

Em 5 de abril de 2023, a cidade de Blumenau/SC sofreu um ataque no Centro de Educação Infantil (CEI) Cantinho do Bom Pastor, realizado por um homem que invadiu o espaço portando um machado. Pouco tempo depois, uma multidão de pais, familiares e curiosos que passavam no local foram informados sobre a morte de quatro crianças, as quais estavam brincando no parquinho no momento em que o homem pulou o muro da creche e cometeu o crime. Muitas outras ficaram feridas – física e emocionalmente, juntamente com suas famílias que vivenciam as mazelas decorrentes do ataque. Neste momento, a cidade iniciou um processo de luto coletivo, independente de idade ou gênero. Partimos dessa situação tão recente para questionar: como falar da morte com crianças?

De acordo com Kovács (1992), a psicologia lida com o ser humano, com a vida e, consequentemente, com a morte; esta área possui um papel importante e fundamental na análise desse tema cheio de tabus, a fim de possibilitar a elaboração e aceitação por parte da sociedade, uma compreensão de que não existe período de tempo mínimo e máximo para o enlutamento: cada um o vive da sua maneira, nenhum igual ao outro. Para desmistificar a morte e normalizar o processo de luto, há um longo caminho, porém, necessário.

Não há nada que nos prepare para o momento em que somos privados da presença das pessoas que amamos e temos de lidar com o luto que a sua falta produz, seja por uma ausência que está prevista, em caso de velhice e doenças terminais, ou em situações inesperadas e traumáticas, como as mortes na creche de Blumenau, onde não somente as crianças e seus familiares são afetados, mas toda uma cidade, toda uma sociedade.

De acordo com Moura (2006), a perda, seja de algo ou alguém, é um dos fenômenos universais da existência, ainda assim, na sociedade ocidental, falar sobre a morte é visto como mau agouro, tudo fica às escondidas, no silêncio, na sombra para ninguém ver, o que atrasa e complica o processo de luto, para adultos e crianças. A morte existe, mesmo que a neguemos, quando não lhe damos espaço para sentimentos e emoções naturais em momentos de luto. O medo da morte, que muitas vezes é o que faz dessa temática um tabu, “depende da natureza e das vicissitudes próprias do processo de crescimento” (KOVÁCS, 1992, p. 24). Então é algo que continua sendo repassado para as crianças, que crescem temerosas desse tal “monstro das sombras”, a morte que espreita virando a curva.

Ao encarar esse monstro quando aparece, há que lhe ofertar um espaço. Um enlutamento sem espaço para sentir e ressignificar pode trazer grandes consequências e se tornar um problema de saúde pública, pois pode levar a condições psicopatológicas e também,

romper as barreiras, gerando consequências físicas (SANTOS; MULATO; BUENO, 2014). Nesse sentido, o estudo de Msawa et al (2022), confirma que um luto não elaborado pode desencadear muitos sintomas que afetam a saúde do indivíduo, provocando alterações no sistema digestivo, endócrino, muscular, cardiovascular, respiratório e nervoso. O adoecimento pode ocorrer nos enlutados que estejam em grande sofrimento e, ao mesmo tempo, reprimindo suas emoções, "sem que cuidem, expressem, compreendam e elaborem tais sentimentos, que são essenciais de serem sentidos no momento da perda (...)" (MSAWA et al, 2022, p. 77). Dessa forma, demonstra-se a importância de um espaço para a elaboração do luto, assim como a educação sobre a morte para e através de profissionais da saúde, capacitados para lidar com ela e também partilhar os ensinamentos aos adultos e crianças.

Com o espaço para a reflexão provocada aqui pelo atentado vivenciado em Blumenau, construiu-se este estudo que possui como objetivo principal: analisar o livro infantil "Pode chorar, coração, mas fique inteiro" de Glenn Ringtved a partir da perspectiva do luto de crianças. Ademais, são objetivos específicos: a) Descrever as diversas perspectivas do luto para a psicologia; b) Apresentar a obra "Pode chorar, coração, mas fique inteiro"do autor Glenn Ringtved; c) Analisar como o processo do luto infantil é desenvolvido nesta obra e d) Compreender como o livro de Glenn Ringtved pode ser utilizado no manejo de psicólogos/as.

Para tanto, será utilizado como método pesquisas exploratórias e revisão bibliográfica de artigos e livros que tratam do luto e da morte, e posteriormente a partir do levantamento bibliográfico é feita análise do livro "Pode chorar, coração, mas fique inteiro" a partir de teorias sobre o luto. Sobre o método utilizado, é possível afirmar que

> As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias (...) Habitualmente envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso. (GIL, 2008, p. 44)

E em se tratando dos livros infantis, da visão pessoal como escritora e autora, é perceptível o quanto existe um grande potencial no uso destes livros que não são tão comentados enquanto componentes curriculares nos cursos de psicologia. Destaca-se o quanto somos capazes de aprender com histórias e relatos, sem que tenhamos necessariamente passado por tais situações. Por ser uma obra que trata com sensibilidade a morte e o luto para crianças, pode ser usada como instrumento para acessar o mundo lúdico em que elas habitam e aprendem. As crianças podem se beneficiar tanto com a leitura como os adultos, então por que não usá-la ao trabalhar questões difíceis com esses sujeitos em escolas, em casa? Ao ler histórias, as crianças ampliam seu campo vivencial ao serem transportadas pelos livros,

possibilitando um novo olhar e entendimento sobre algo, de uma forma que talvez elas não conseguiriam de outra maneira.

Trago neste último e breve parágrafo introdutório uma visão pessoal. Há muitos anos percebo-me inclinada à leituras e estudos acerca da morte e do luto, assim como espectadores de acidentes: diminuindo a velocidade, colocando a cabeça para fora da janela do carro, ao mesmo tempo curiosos e apavorados com o que podem ver. A morte é algo tão natural, ainda que pareça um erro nos cálculos do universo e que nosso ego insista no pensamento que deveríamos ser infinitos. Assim, conectado com meu interesse sobre o luto, está a curiosidade sobre a maneira em que o luto acontece para as crianças e como esse assunto difícil pode ser conversado com elas de uma forma que permita futuras elaborações.

2 SOBRE O MORRER

> Eu digo a mim mesma que o destino a ninguém pertence, mas, Deus, como eu queria segurá-lo perto do coração; o ninaria com cantigas, o faria adormecer e, quando acordasse, não haveria mais ninguém para ele levar. (TIRONI, 2023)

O trecho, entre tantos outros textos de minha autoria que têm como tema principal a morte e o luto (principalmente antecipatório), retrata como muitos se sentem, em relação ao fim da vida. O medo, a angústia, curiosidade mesclada com assombro. A morte está entre os grandes tabus na sociedade ocidental atual, como dito alhures. Porém, nos primórdios de nossa história civilizatória, muitas culturas já a visualizavam como algo assustador. De acordo com Kübler-Ross (2018, p. 8), "os hebreus consideravam o corpo do morto como alguma coisa impura, que não podia ser tocada. Os antigos índios americanos falavam dos espíritos do mal e atiravam flechas ao ar para afugentá-los". Também houveram muitas representações artísticas e poéticas acerca da morte, como ruptura e degeneração, mas também como uma grande viagem e descanso (KOVÁCS, 1992). Tal como Rabelo (2006) reflete, a morte pode se mostrar em diversos olhares. Desse modo, não é de hoje a inquietação sobre a vida após a morte, para onde os entes queridos vão e o que fazer com esse vazio que fica para trás com sua partida. Essa é uma questão que, de geração em geração, atravessa a história e se fundamenta como uma preocupação profundamente humana (RABELO, 2006).

Ainda na fase de desenvolvimento, os bebês passam por grandes separações, perdas e "mortes". De acordo com Kovács (1992), nos primeiros meses, eles sentem a ausência assustadora da mãe, percebendo que ela não é um ser onipresente e, dessa forma, sentem-se completamente desamparados. Alguém eventualmente aparece, mas são nessas vivências longas ou curtas que as crianças entendem a morte como uma separação, ao mesmo tempo vinculada com a relação materna, acolhedora e confortável. Conforme crescemos, passamos por inúmeras outras perdas de objetos, sonhos, pessoas; diante disso aprendemos, da nossa maneira, a lidar com o luto dessas perdas importantes, reais e simbólicas, que perpassam pela dimensão física e psíquica. A capacidade de cada um para se adaptar a essas novas realidades, construído desde a infância, será como um modelo para as outras perdas que virão (CAVALCANTI, 2013).

De acordo com Rodrigues (2016) é indispensável que os sujeitos passem pelo período de enlutamento para, assim, ressignificarem suas dores e elaborarem as perdas. Com o vínculo criado, estamos sujeitos a sofrer sua perda. Rodrigo Luz (2021) traduz tudo isso em seu livro "Luto é outra palavra para falar de amor" quando diz que o luto nada mais é que o amor sem

um lugar para ir; todo amor impetuoso, poderoso e torrencial que você quer dar, mas não pode; um amor sem destino. De acordo com Luz, a dor do luto é uma avalanche de amor (2021). O luto é uma consequência de se estar vivo e as pessoas, independente da idade, precisam e têm o direito do seu tempo para enlutar-se. Ele é um território sagrado (LUZ, 2021), sendo diferente para cada indivíduo e, diante de uma perda significativa, o luto é uma reação normal e necessária que deve ser acolhida e respeitada.

Em se tratando do luto vivenciado por crianças, há grandes diferenças no entendimento da morte, pois como seus sistemas cognitivos e afetivos ainda se encontram em desenvolvimento, elas podem ter dificuldades em assimilar questões relativas à imutabilidade e irreversibilidade. Dessa forma, de acordo com a Camps (2022), para que possam ter um melhor entendimento sobre a realidade da morte, elas necessitarão de um adulto para conversar e tirar dúvidas acerca de demais angústias em relação à perda. Perazzo nos ajuda a pensar nesta direção:

> De minhas reminiscências, aos 4 anos, a morte de minha avó. O choro. Os gritos. A organização fúnebre das coisas. E eu saindo pela janela com medo de passar pela sala. Suas órbitas vazias me perseguem trinta e quatro anos depois em uma sessão de minha terapia. A imagem onírica dramatizada e meu sentimento real de pavor acabam me levando a afastá-la em cena — e, com ela, umas tantas paixões impossíveis, cujas marcas persistentes teimavam em se repetir (PERAZZO, 1986, p. 16)

Com tal trecho, é possível a compreensão da importância de se tratar sobre o assunto de morte e luto com crianças, a fim de guiá-las por momentos para qual ninguém está realmente preparado, mas que, com ajuda, pode ser mais suave e possível. Kovács (2003) formula tudo isso no questionamento: se um bebê não possui meios para sobreviver sem a ajuda de um adulto que o acolha na vida, como é esperado que o faça, para a morte? Feita essa indagação, temos Costa (2012), trazendo que só temos medo realmente do que não conhecemos e que tememos muito menos ao conhecer a verdade, reforçando mais uma vez a necessidade de educarmos as crianças, mas também a nós mesmos, sobre algo tão difícil de ser compreendido; o fim da vida, de ciclos, de sonhos.

Barasoul (2012, p. 33) escreve sobre o luto ser a dor do crescimento e a dor do existir:

> É preciso perder para crescer. É necessário um contínuo aprendizado sobre o que envolve o perder, tendo em vista que a vida é um constante recomeçar e, para que esse recomeço ocorra, é preciso antes aprender a perder. Não é fácil aceitar que perder é a condição para se manter vivo e que o caminho do desenvolvimento/crescimento é marcado por renúncias. São as experiências de perda na infância, enquanto

> constitutivas, que irão delinear a maneira de cada um lidar com as vivências de perda na vida adulta.

Para o psicanalista John Bowlby, havia algo de muito curioso na dinâmica mãe e bebê, mais especificamente da separação dos dois, eventualmente. Ele desenvolveu vários trabalhos na área das relações mãe e filho, e foi pioneiro na Teoria do Apego. Para Bowlby (2002), as crianças já nascem predispostas ao apego, pois necessitam dele para sobrevivência, e tudo que elas vivenciam na infância pode contribuir positiva ou negativamente em sua vida adulta. Dessa forma, o luto se caracteriza justamente pelo apego a algo ou alguém com quem o vínculo é interrompido de alguma forma, e se as crianças não possuem mecanismos para lidar e/ou não são auxiliadas por um adulto, dificilmente irão conseguir enfrentar situações de morte e luto no futuro. Antes de Bowlby, Freud (2014) já escrevia sobre como são as primeiras experiências traumáticas que vão construir o protótipo dos estados afetivos, e irão ser trazidas à tona novamente, quando houver um acontecimento que desperte os sentimentos antes "criados" na infância.

Barasuol (2012) ainda acrescenta que essas concepções que criamos sobre a perda variam conforme o contexto cultural e o momento histórico em que estamos inseridos e que as perdas podem bagunçar com o mundo que até então conhecíamos e gerar muitos estados de tensão e ansiedade. O silêncio sobre a morte com as crianças acaba sendo resultado da própria dificuldade dos adultos em falar sobre e lidar com ele (CAMPS, 2022), mais uma vez desmascarando o vazio que fica e permanece no lugar onde deveria haver uma capacidade melhor construída, desde crianças, para suportar os tempos difíceis do luto. De acordo com Camps (2022), o modo como essas crianças irão vivenciar o luto se baseia através do sistema familiar (tanto o seu ímpeto em falar sobre, quanto a participação em rituais fúnebres, ou não) e também a importância dessas crianças estarem participando de funerais, que pode ser um dos fatores constituintes para a elaboração do luto.

Bianchi (2018) coloca que a linguagem da criança está no lúdico: é assim que ela assemelha o mundo e o compreende. Então, dessa forma, para que os adultos possam acessar seu mundo interno e repassar aprendizados, muitas vezes deverão mergulhar nesse mundo e usar da sua linguagem – literatura, o brincar, expressões artísticas. Em se tratando da literatura, Freire (2022, p.09) reflete que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra", significando que é através da leitura que temos a possibilidade de acrescentar novas experiências e formas de entendimento sobre diversos temas, criando ou somando com nossas próprias experiências e concepções (GRANADOS, 2020).

> A leitura vai além da decodificação de letras e símbolos linguísticos. É um mecanismo indispensável para a formação humana dos sujeitos por representar uma atividade ampla que favorece o conhecimento de si, do outro e do mundo à sua volta. [...] Descobrir o prazer pelo ato de ler palavras e sentidos, é o mesmo que descobrir uma liberdade desconhecida; é transportar-se para outro mundo; é sentir sabores diferentes, alegrias, tristezas e é por intermédio dos personagens de cada história que o leitor transporta-se para esse universo desconhecido, às vezes conflitante, outras vezes prazeroso, mas, que permite viver outras histórias e sonhar outros sonhos (SILVA E SOUZA, 2016, p. 2).

Temos então a leitura como um instrumento possível para se tratar questões difíceis com crianças, tanto em situações já vivenciadas por elas, como também em um tipo de preparação para momentos pelos quais não passaram ainda. Esse é o poder da leitura, como colocado por Silva e Souza, justamente de nos possibilitar viver algo diferente, de uma forma diferente, por outros olhos. A leitura pode ser feita pela criança ou para ela; a última com grande potencial de proporcionar, inclusive, um encontro de mediação e aprendizado, onde o adulto, através da conexão do afeto e da palavra, pode guiar a criança a um entendimento maior sobre os ensinamentos tratados nos livros. É nesse potencial que vive a grande magia e força de um livro infantil.

Também é possível observar o processo de luto pela perspectiva dos afetos. Para tanto, partimos do filósofo Spinoza (2013) que afirma que o sujeito é potência em ato, ou nas palavras do autor *conatus*. Com isso, todos os corpos possuem o direito natural de se esforçar para perseverar na existência e assim o estão mesmo quando na servidão. Apesar do autor não tratar diretamente do luto, é possível verificá-lo como uma constelação afetiva provocada pela dor da perda de algo que tínhamos apego. Um afeto próximo a isso em sua grande obra Ética é intitulado como *desiderium*, que segundo o autor se caracteriza pelo“[...] desejo, ou seja, o apetite por desfrutar de uma coisa, intensificado pela recordação desta coisa e, ao mesmo tempo refreado pela recordação de outras coisas, as quais excluem a existência de coisa apetecida” (SPINOZA, E III, Def. dos Af., apud BUSARELLO, 2022). Na língua portuguesa, algo parecido com a ideia de saudade. No caso das mortes, o sujeito se vê barrado de alcançar esse ser amado, pois ele já não pode ser abraçado, beijado, e não existem mais conversas possíveis, sendo afetado pelo *desiderium*.

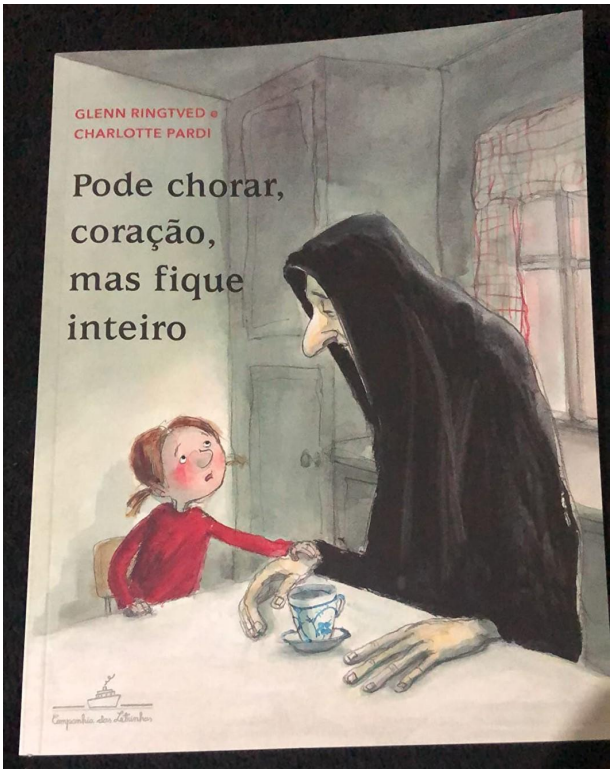
Por fim, como na música de Bee Gees, Wish You Were Here (1989), fica o desejo de encontrar a pessoa querida novamente, de ter as lágrimas enxugadas e a dor dissipada. Apesar disso, a música ressalta: a rosa vermelha do amor nunca morrerá, ela queimará na escuridão como uma chama, pois carregamos este amor por onde quer que formos.

3 O LIVRO E O AUTOR

O livro “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” foi publicado em 2020 pelo autor dinamarquês Glenn Ringtved e ilustrado por Charlotte Pardi. Glenn, nascido em 1968, já escreveu mais de quarenta livros e é um autor premiado de livros para crianças e para jovens adultos. Somente mais um livro seu, além de “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”, foi traduzido e vendido por uma editora brasileira. Esse livro tem o título “Nós Dois na Madrugada” e se trata de um livro voltado para jovens-adultos, não indicado para qualquer leitor, por se tratar de uma leitura mais pesada e nem sempre uma leitura prazerosa para todos.

Em contrapartida, a obra “Pode chorar, coração, mas fique inteiro” é uma mistura poética e bastante delicada que trata sobre a morte de uma forma suave para crianças a partir de seis anos. Em poucas páginas, o autor conta a história de quatro crianças lidando com a morte iminente de sua avó acamada. A Morte, figura que aparece encapuzada para buscar a avó (Figura 1), apesar de sua aparência sombria, se mostra gentil e acolhedora para com as dores dos netos, e lhes ensina uma valiosa lição sobre a vida. No começo do livro, as crianças se sentam com a Morte na mesa de jantar, lhe servem café e tentam retardar ao máximo sua subida até o quarto onde a avó dormia, porque sabiam que, assim que subisse, sua avó iria embora com ela.

Figura 1 - Capa do livro “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”



Fonte: Ringtved (2020)

Embora possua uma temática difícil, a partida de um ente querido é tratada com cuidado e leveza. A Morte, temida por tantos, é descrita como um ser amoroso e benevolente, com um amor imenso pela vida. Ela conta para as quatro crianças uma história sobre dois irmãos, o Sofrimento e o Desconsolo, e duas irmãs, a Alegria e a Risada, e como os quatro se apaixonaram. A moral da história que ela conta para as crianças é o valor que damos à vida, por causa da morte.

No final do livro, as crianças entendem que precisam permitir que a Morte suba até o quarto. Após a partida da avó, o sofrimento é inevitável, mas os netos não se esqueceram do aprendizado da história que a Morte havia lhes contado, e se recordam da querida avó com carinho, sentindo sua presença e seu amor como um manto quentinho. Uma memória para a vida.

4 O QUE FICA DA MORTE PARA AS CRIANÇAS?

Existem muitas questões que despertam nossa curiosidade e assombro. A maioria delas, coisas que não conhecemos: as profundezas do oceano, o espaço sideral, comidas tradicionais de outras culturas, a morte (tema principal deste estudo). Em todas elas, ao mesmo tempo que sentimos um impulso, também uma repulsa. *Devo experimentar esse escorpião frito? Será que posso mergulhar tão fundo? Onde será que a vovó está agora?*

Da morte, sabemos tanto quanto a Via Láctea. Sabemos que depois dela, existe um infinito de possibilidades. Vida após a morte? Outros mundos? Ninguém sabe dizer com certeza… Existem religiões e cientistas com suas teorias e teologias, mas nada realmente comprovado. Por isso, há também o medo.

Quando um adulto tenta acalmar uma criança desesperada com a ideia de levar uma injeção, o primeiro impulso é dizer que será rápido e necessário para a proteger de um vírus, para garantir sua saúde física. Nós explicamos o motivo da dor. Explicamos o porquê. Tal como a frase de Friedrich Nietzsche (apud FRANKL, 1991), somos capazes de suportar dores, quando sabemos o porquê. E, querendo ou não, essa é uma questão difícil de ser respondida quando se trata da morte. Por quê? Por que as pessoas se vão, deixando este vazio em nós? Para onde elas vão? Por quanto tempo? Vou vê-las novamente, ou elas simplesmente somem? Se somem, vou eu sumir também um dia?

> As perdas que vivemos, especialmente a morte de alguém muito amado, podem ter um "para quê", mas pode demorar um bom tempo até que a resposta chegue clara. Já o "porquê" nunca terá uma resposta satisfatória, ainda que dediquemos a vida toda a tentar responder. Qualquer resposta que se dê a essa pergunta é sempre pequena demais diante da grandeza da experiência do luto. (ARANTES, 2019, p.176)

Com este trecho do livro "A Morte é um dia que Vale a Pena Viver" da médica e autora Ana Claudia Quintana Arantes, entende-se que não existem respostas para essas perguntas; existem suposições, esperanças, mas nenhuma comprovação. E, novamente, tememos dessa incerteza, porque não sentimos um chão sólido no qual pisar, e pensar que não veremos pessoas que tanto amamos depois que elas faleceram é simplesmente muito doloroso. Então não pensamos. Nós tememos em silêncio. E, se ficar insuportável, tememos as lágrimas e gritos.

Enquanto adultos, podemos tentar enterrar esses sentimentos, caso não saibamos elaborá-los – eles voltam, eventualmente –, mas as crianças têm menos recursos para isso, se

não forem auxiliadas de alguma forma. E, também, podem ter dificuldades em entender sobre a infinitude da morte, que os entes queridos, amigos, vizinhos, e animais não voltam depois que falecem (CAMPS, 2022). É necessário que haja uma conversa, um sanar dúvidas e anseios, de forma que ela possa construir ferramentas para lidar e elaborar lutos futuros, e não fique presa nesse lugar percebido como frio e doloroso do enlutamento, sem começo nem fim.

Pensando nisso, e considerando que a aprendizagem da criança está no lúdico (BIANCHI, 2018), é possível analisar a relevância de modificarmos e nos inteirarmos desse mundo todo próprio para alcançá-las em temas tão difíceis. Não existe maneira fácil de falar sobre a morte, sendo ela um tabu, mas existem caminhos menos sinuosos e esburacados para realizar essa complicada tarefa que é fazer a criança compreender que a vida uma hora simplesmente acaba. E que, com isso, pessoas, objetos pessoais, sonhos e lembranças ficam para trás, para manter a recordação viva de quem já se foi.

A literatura infantil é uma forma de falar sobre tal tema, assim como tantos outros assuntos difíceis de serem explicados para crianças. Pois é no lúdico (livros, brincadeiras, jogos) que mora a aprendizagem delas, é lá que conseguimos acessá-las. Abramovich explica a importância da leitura para a formação de uma criança e como ser leitor é “ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1993, p. 16), onde, ao ouvir/ler histórias, essa criança terá acesso à emoções bastante importantes como tristeza, raiva, medo, alegria, insegurança entre outras. Emoções que são naturais e humanas, mas que muitas vezes podem parecer “erradas” para crianças que vivem no núcleo de uma família que enxerga essas emoções como algo negativo e impróprio. Também neste sentido, Sawaia (2015) explica que as emoções são os radares ético-político dos sujeitos, demonstrando a qualidade dos encontros que o corpo/mente vivencia em sua biografia de vida.

Uma família que a ensina “se portar”, a criar uma falsa imagem dela própria e esconder esses sentimentos das outras pessoas como se sentir fosse um defeito terrível. Colocado perfeitamente por Noguera (2022, p.14), partimos em uma busca constante e interminável pela felicidade, como se fosse o único sentimento que valesse a pena, “a tristeza, o pesar e o choro parecem doenças contagiosas terríveis das quais devemos nos proteger a qualquer custo”. Spinoza (2013) também demonstra a importância das emoções quando afirma que o nosso corpo é memorioso e guarda as marcas dos encontros que vivemos, ao mesmo tempo que todos têm o direito natural de perseverar na existência.

Em se tratando novamente sobre a maneira em que a sociedade visualiza e lida com a morte, em muitas culturas o fim da vida, mesmo que triste, não é um tabu tão grande e o luto,

mesmo que doloroso, não é enterrado junto com os mortos – as pessoas o vivem, falam sobre, choram, se permitem! Existem culturas que celebram o Dia dos Mortos (MUNIZ, s.d) e culturas que, em determinada época do ano, retiram os falecidos de seus caixões, os vestem, perfumam, acomodam-os nos sofás, nas mesas de jantar, nos bancos do jardim (VINCENTI, 2022). E as crianças se sentam ao lado, tiram fotos com seus bisavós que não conheceram e com o priminho falecido que costumavam brincar. A morte está presente, porque ela é parte da vida. E a população acolhe essas tradições para relembrar dos que já se foram – não tanto pelos mortos, mas por eles mesmos, que têm a chance de, mais uma vez, estar junto de quem amam. Essa é a maneira que o luto funciona para eles. E talvez, por isso (por existir uma tradição e um acalento para o coração), pode ser mediado formas de vivenciar que se tornem um pouco mais fácil de lidar. Afinal, mesmo que não exista uma resposta para o porquê de a morte existir, há sempre o ano seguinte, em que verão seus falecidos e poderão assistir televisão ao seu lado e segurar sua mão. Para eles, não há um fim, só uma próxima vez.

Seguindo a linha de pensamento, fica claro como o problema não é o nível de entendimento das crianças. Obviamente, muitos assuntos devem ser tratados de um modo diferente do que seriam com adultos, mas a desculpa da sua capacidade de compreensão não é verdadeiramente válida. Existem crianças na Indonésia que abraçam o corpo de um parente falecido e conversam com ele como se ainda estivesse vivo, crianças no México que fazem cortejo pela cidade e comemoram com comida e música, relembrando do que seu ente querido mais gostava. Existem crianças que são permitidas expressar o que sentem, e as que não.

Quanto menos tratarmos da morte como algo fora desse mundo, algo que não devemos falar sobre ou estaremos “atraindo”, mais estaremos preparando as crianças e as ensinando sobre os processos do luto, sobre as dores que todos sentem e a normalidade disso tudo, mesmo que possa ser assustador e angustiante. Tal como Kuarup, ritual fúnebre que ocorre um ano após o falecimento dos parentes indígenas (VILELA, 2018), devemos nos permitir rituais de choro, de rezas e despedidas, para que possamos elaborar nossos lutos. Os rituais podem auxiliar nas elaborações, pois oferecem conforto e criam a possibilidade e autorização para a expressão de sentimentos (ALVES, 2012). E, na sua família, a criança deve se sentir acolhida e livre para expressar seus sentimentos, que possa questionar e obter respostas. Caso contrário, se houver uma situação na qual se depare com a morte, pode começar a apresentar comportamentos abruptos, como violência, isolamento e também, de acordo com Andrade (2018), um comportamento de submissão, por medo de novas perdas. Vê-se que:

> O adulto em geral, não só adota a atitude de negar a explicação sobre a morte, como também tenta, muitas vezes, afastá-la "magicamente". Com esse procedimento, procura minimizar o significado que a morte pode ter como uma força ativa no desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. Entretanto, essa negação ou este silêncio em torno da morte em nada ajudam no desenvolvimento da criança. Ao contrário, quando se tenta manter esta atitude geral de negação, o crescimento da criança é prejudicado. (TORRES apud NUNES et al, 1998, p. 3).

Noguera (2022) em seu livro "O que é o luto: Como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda", logo nas primeiras páginas, faz sua introdução contando sobre como ficou marcado para ele, enquanto criança, presenciar a cena de seu avô chorando pelo falecimento de um dos filhos. Mais tarde, aos doze anos, passou ele mesmo pelo enlutamento da morte de sua avó, e descreve a sensação como girar várias e várias vezes e logo em seguida tentar andar em linha reta. De acordo com o autor, se a vida se assemelhasse com um jogo, um luto não vivido ou mal vivido seria como a representação de uma pessoa perdida durante a partida. Em seu livro, onde analisa mitos de diversas culturas e sua relação com o luto, Noguera reflete como devemos fazer o oposto que Ulisses fez ao se amarrar no mastro do navio para não ser enfeitiçado pelo canto das sereias: devemos nos permitir mergulhar e enfrentar as emoções necessárias.

Com este mesmo intuito, na obra "Pode chorar, coração, mas fique inteiro", Glenn Ringtved usa de sua sensibilidade para alcançar essas crianças de uma forma suave e delicada, tratando desse assunto difícil sem assustar os leitores mais novos. Nas ilustrações da Morte, ela é a típica figura encapuzada, soturna e sombria que já foi tanto representada por aí em livros e filmes, porém, ao contrário do que todos imaginam, ela possui um coração bem vermelho "como o pôr do sol mais lindo do mundo, e o que o faz ele bater é um amor imenso pela vida" (RINGTVED, 2020 p. 10), (cena possível de ser vista na imagem 2). A maneira como essa dualidade é retratada é muito importante, pois a morte é sim assustadora, é sombria e feia, mas também, nos faz apreciar muito mais a vida, os momentos especiais que temos junto às pessoas que amamos. E embora o amor seja enorme, grandioso e sacrificial até, nada há de se fazer para impedir que a vida termine, pois ninguém vive para sempre e, da mesma forma, este amor não simplesmente se dissipa, quando o objeto de nossa afeição se vai. O próprio Spinoza (2013) traz uma ideia que pode ser avaliada como explicação para a dor da perda: a de que, ao imaginarmos aquilo que amamos afetados de tristeza, seremos também afetados - seguindo esse caminho, se alguém que amamos é "afetado" pela morte, nós também somos afetados por ela, de alguma forma.

Imagem 2 - Página 10 do livro

Fonte: Ringtved (2020)

Segundo Ringtved, é a dualidade que dá sentido às coisas: sol e chuva, noite e dia, vida e morte. É porque sabemos que todas as coisas têm um fim, que nós damos mais valor à elas. As crianças, embora continuassem muito tristes e angustiadas, sabiam que a Morte estava certa. Nessa parte do livro, o autor ensina indiretamente para as crianças que estão lendo que nós vamos continuar tristes quando estivermos lidando com a morte de alguém querido, porém, a dor que sentimos é resultado do amor, uma emoção completamente justificada. Para Spinoza, o amor "nada mais é do que a alegria, acompanhada da ideia de uma causa exterior" (2013, p. 55), e, também, "segundo Espinosa, quanto mais causas estão envolvidas na produção de uma coisa, mais esta coisa existe e menos ela pode ser destruída" (apud LUIZ, 2012, n.p). É por isso que sentimos o luto, pois o amor não morre, ele permanece em tudo que fica para trás após a partida de um familiar, amigo ou animal; em nossas memórias, em objetos pessoais do falecido e lugares em que ele esteve.

É essa a mensagem que Glenn transmite aos leitores através da história, tenham eles já vivenciado alguma perda pessoal ou não. Aos poucos, a figura da Morte deixa de ser tão horrorosa e assustadora e começa a se tornar um ser amoroso e cheio de compaixão. Glenn

proporciona essa poderosa mediação para diminuir o medo da morte, um afeto triste marcado fortemente pela temporalidade, pois conforme Busarello (2022), “o corpo é aquele que se afeta com a temporalidade e é finito”.

Glenn Ringtved trabalha o luto antecipatório desses netos e netas durante o café que as crianças tomam com a Morte, pois as mesmas sabiam que a avó viria a falecer em pouco tempo. A representação do café é muito significativa, pois se trata da antecipação da ideia de morte para diminuir o medo; possibilita que as crianças vejam a morte com os próprios olhos, que possam fazer perguntas e escutar respostas para elas.

O luto antecipatório teve origem e surgiu pela primeira vez nas observações de Lindemann (1944), se referindo à separação física das esposas de soldados que partiam para a guerra, onde elas sabiam da probabilidade de seus amados serem mortos e não voltarem mais para casa. Então era um tipo de antecipação dessas mortes; elas passavam por momentos de enorme tristeza, raiva e caos, como se estivessem se preparando para a dor real, quando recebessem a notícia do falecimento de seus companheiros. E, de certa forma, mesmo que nada possa nos preparar para o momento da perda, o luto antecipatório tem a função de envolver a família e amigos para que possam entender, aceitar e criar mecanismos individuais ou em grupo para enfrentar o que se seguirá (SANTOS, 2017). De acordo com Kovács (2010), o processo de luto antecipatório possui um caráter preventivo, uma preparação, tal como o café que as crianças tomam com a Morte antes de permitir que subisse ao quarto da avó. A morte difícil é “aquela que não é aceita, com revolta e conflito entre familiares, e sentimentos de abandono ou solidão” (KOVÁCS, 2010, p. 422), porque, deste modo, o luto não possui espaço suficiente para ser elaborado - não existe um café com a Morte.

Em dado momento deste café, a neta mais nova pergunta para a Morte porque a avó deles tinha de morrer, se ela é a pessoa que eles mais amam no mundo – novamente a grande pergunta do porquê. A Morte então fica ali sentada na mesa, com o olhar perdido, sem saber como responder àquela pergunta porque ela, também, “estava muito triste com aquela situação” (RINGTVED, 2020, p. 10). E então, ao invés de responder, ela conta para as crianças uma história sobre dois irmãos, o Sofrimento e o Desconsolo, e as irmãs Alegria e Risada. Os dois primeiros eram a tristeza em pessoa, viviam em um vale que os raios de sol não alcançavam e estavam sempre cabisbaixos. Por outro lado, as meninas eram o completo oposto, fazendo juz aos seus nomes. Contudo, por mais felizes que elas fossem, sentiam que faltava alguma coisa. Não sabiam exatamente o que era, mas por causa disso, elas não conseguiam aproveitar plenamente de toda aquela sorte e felicidade (RINGTVED, 2020).

O autor narra que, eventualmente, os quatro se encontraram e se apaixonaram. Pouco tempo depois, se casaram e foram morar juntos até ficarem bem velhinhos. Passaram o resto de suas vidas juntos:

> Quando o Desconsolo morreu, a Risada morreu no mesmo dia. E a mesmíssima coisa aconteceu com a Alegria e o Sofrimento. Foram tão felizes juntos que não podiam viver um sem o outro. (RINGTVED, 2020, p. 18)

Na mesma medida que a história da morte mostra o par das emoções, Spinoza explica que medo e esperança são um par de afetos - onde há esperança, há medo (2013). Onde há amor, há o medo e o risco da perda. Afinal, Freud estava certíssimo em sua fala, quando escreveu que "nunca nos achamos tão indefesos contra o sofrimento como quando amamos, nunca somos tão desamparadamente infelizes como quando perdemos o nosso objeto amado ou o seu amor" (1997, p. 32). E, durante a história narrada pela Morte no livro de Glenn, ela suavemente convida as crianças a enxergarem o falecimento da avó de uma outra maneira. Não com a intenção de encerrar a dor da perda, mas possibilitar esse entendimento sobre a dor e abrir caminhos para elaboração desse luto. Afinal, como Luz (2021) explica em seu livro, aprendermos a integrar essa dor na nossa vida, a partir daquele momento, é muito mais importante do que rejeitá-la. "Superar a perda é esganar o amor. Todos sabemos que isso seria um preço alto demais, imoral demais" (LUZ, 2021, p. 23). Desse modo, não há a necessidade de mentir para as crianças, de florear algo que tem muito menos a ver com flores e mais com raios e trovões. O que é necessário é que haja conversa, escuta, acolhimento, de forma lúdica ou não, sobre reações normais diante de uma morte, pois crianças que vivenciam perdas podem começar a apresentar certas questões sociais como baixa autoestima e ansiedade (KOVÁCS, 2010, p.148). Desta forma, para que essas crianças possam compreender que não precisam estar seguindo a sociedade e suas regras sobre quanto tempo um luto deve durar e o quanto somos permitidos sentir, é muito importante ter momentos de conversa, onde a linguagem possui um "papel fundamental, pois à medida que se oportuniza falar sobre um tema, neste caso a morte de um ente querido, a criança passa a compreender melhor sua perda e, consequentemente, sobre os sentimentos que envolvem" (ABERASTURY, 1984, p.135).

Tal como outros lutos não reconhecidos e aceitos pela sociedade – por animais, abortos, filhos adotivos – o luto de uma criança é silenciado quase como se não existisse, ou não devesse existir. Além da dor da perda, essas crianças se sentem tristes e angustiadas ao não serem permitidas vivenciar o luto, onde os adultos desvalidam suas emoções e, consequentemente, fazendo com que elas entendam que seus sentimentos são insignificantes.

Os adultos, ao alegarem não falar deste assunto com crianças pois elas não conseguem compreender, estão fugindo do verdadeiro motivo: ao falar sobre morte com elas, são obrigados a encarar sua própria mortalidade (HISPAGNOL, 2011).

Na obra de Ringtved, após a Morte lhes contar a história sobre Desconsolo, Sofrimento, Alegria e Risada, as crianças permitiram que ela subisse até o quarto de sua avó. Embora tristes, entendiam que era hora de ela partir. Em seguida, quando também subiram ao quarto, encontraram a avó repousando sem vida na cama. A Morte, ao pé da cama, calma e tranquila, diz para as quatro crianças "Pode chorar, coração, mas fique inteiro" (RINGTVED, 2020 p. 24). Uma curta frase que carrega tanto significado. Uma ideia de *Permita-se sentir, permita-se chorar e sentir a sua falta, mas lembrem-se que a sua vida não acaba aqui, junto com a de sua avó. E, mesmo assim, ela sempre vai permanecer com você, em seu coração, em suas lembranças. Ela estará viva, através de você.*

Como Arantes (2018) reflete em seu livro, a pessoa que se vai leva somente seu corpo físico, pois tudo que compartilhou com os que conviveram com ela permanece. Não existe morte absoluta, caso contrário tudo que tocou e todos que cativou teriam que partir junto com ela. Arantes reflete que seu falecido pai continua sendo seu pai e tudo que ele lhe ensinou e o que os dois viveram juntos continua vivo nela, através dela. Tal como (CHAUI, 1995, p. 62 apud BUSARELLO, 2022) descreve:

> Dessa forma, o corpo, além de imaginante, é memorioso, fazendo com que nossa alma tome como presentes imagens do que está ausente e com elas represente o tempo, isto é, sequências associativas e generalizadoras de imagens instantâneas gravadas em nossa carne.

Ou seja, para quem ama, não existe fim. Nossos corpos memoriosos perpetuam este amor em lembranças, objetos, em detalhes que nos fazem recordar das pessoas que se foram e produzindo *desiderium* (SPINOZA, 2013). E esta é a mensagem final que fica do livro de Glenn Ringtved: as pessoas que amamos nunca nos deixam realmente. Pode ser que fisicamente não estejam por aqui, mas o amor, afeto tão feliz, é como uma linha que nos une, mesmo após a morte. Elas vivem, através de nós. E nós as carregamos. Pois, segundo Kovács (1992), o luto alcança sua elaboração quando as crianças são capazes de encontrar um meio de eternizar a presença da pessoa perdida dentro de si mesmas, mesmo na sua ausência, que é exatamente o que Glenn mostra aos pequenos leitores (Imagem 3, abaixo). Seguindo para a última página, Glenn termina seu livro com uma linda ilustração, onde um dos netos está na janela, sentindo a brisa que entra por ela como se estivesse recebendo um carinho da falecida avó.

Imagem 3 - Página 27 do livro

Fonte: Ringtved (2020)

Assim, o autor convida a criança a ver a morte por uma perspectiva menos dura: que embora nossos entes queridos, amigos e animais não irão voltar, podemos continuar sentindo a conexão com eles, através do amor. Diante da cena escrita por Ringtved (2020), questionamos: O que pode ser mais poderoso que este afeto?

5 ÚLTIMAS REFLEXÕES

O luto de crianças é um tema muito difícil, pois, se já existe uma negação e tentativa de esconder a morte como um bicho papão dentro do armário, quando crianças passam por uma perda, parece haver ainda maior sigilo. Se os adultos mal sabem lidar com a morte, como vão ensinar as crianças a passarem por este momento difícil? Nem sempre a primeira morte vivenciada por elas é de uma pessoa próxima, muitas vezes é de um cachorro, um passarinho, o peixinho, e mesmo assim, tão importante de ser amparada corretamente – para que a criança se permita sentir e passar pelo enlutamento. Tratar da morte não como um acontecimento anormal, mas como algo que está presente durante todas as nossas vidas. As perdas fazem parte da experiência humana e grande parte de como lidamos com elas se reflete na maneira com a qual fomos ensinados a lidar - no núcleo familiar e como sociedade.

Como colocado anteriormente, o modo como culturas diferentes visualizam e lidam com a morte é também como ensinam as crianças e novas gerações. Teresa Cristina Rego (2013, p. 59) traz a reflexão de que os adultos incorporam as crianças para a cultura na qual estão inseridos, “atribuindo significado às condutas e aos objetos culturais que se formaram ao longo da história.” Seguindo esta linha de raciocínio, culturas que se permitem sentir e enlutar-se são mais propensas a criar crianças que entendam o fim da vida como um dos muitos ciclos que existem, e uma das muitas perdas que teremos com o passar do tempo. Dessa mesma forma, culturas que tratam da morte como um monstro terrível à espreita moldarão crianças que irão sempre dormir com um olho aberto e um fechado, temendo, sofrendo e angustiando. E, quando houver uma morte com que tenham que lidar, ficarão apavoradas e confusas. Afinal, como é esperado que saibam compreender o processo natural do luto, se não possuem referências para tal? Ou referências ruins, onde sentimentos são enterrados e “superados”.

Para quem possui interesse em pesquisar, verá que existem inúmeras opções de livros infantis à venda que tratam não somente de fábulas e histórias já muito conhecidas como Chapeuzinho Vermelho e os Três Porquinhos, mas também de emoções específicas, como o livro “Vazio” (LLENAS, 2018) que conta a história de uma menina aprendendo a lidar com a tristeza e o sentimento de vazio, representado por um buraco em sua barriga, ou o livro “Como eu me sinto…quando estou com ciúmes” (SPELMAN, 2019) que é parte de uma coleção de livros que educa as crianças de forma lúdica para reconhecerem e nomearem certos sentimentos e emoções, como, nesse caso, o ciúme. E esses, juntamente com tantos outros, são os livros que podem ser poderosas ferramentas para os adultos que não se sentem

confiantes para “ter as palavras certas” sobre assuntos como a morte ou demais sentimentos que as crianças sentem e vivenciam, assim como eles.

Em se tratando do livro de Glenn Ringtved, “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”, o autor possibilita essa nova visão sobre a morte, menos dura e cruel, sem em nenhum momento desprezar ou negar qualquer sentimento. A figura da Morte, encapuzada e soturna, com seu coração vermelho e cheia de compaixão com a dor das quatro crianças, traz uma sensação de conforto, como um pensamento de “ela não veio para me machucar de propósito, é somente como a vida funciona”. O entendimento que a avó das crianças não seria arrancada delas com violência, mas gentilmente levada, suave como um sopro de vento pela janela.

Então, pensando em contornos para isso, o lúdico é uma maneira poderosíssima porque, além de ser o acesso para o mundo de aprendizado das crianças, possibilita que adultos que já tenham dificuldades em falar de assuntos difíceis possam tratar dos mesmos com seus filhos. Basta que esses adultos entendam que “deixar as crianças de lado porque elas não conseguem compreender” só serve para invalidar os sentimentos dessas crianças e deixá-las totalmente despreparadas para a avalanche de sentimentos que uma perda pode produzir. No caso do livro de Glenn Ringtved, pode estar sendo utilizado para fins educacionais tanto por pais, quanto por educadores e psicólogos: como um facilitador com o qual os adultos poderão entrar nesse mundo lúdico que a criança habita e criar pontes para explicar sobre a morte e perdas. É importante que as crianças sejam incentivadas a falar sobre o que estão sentindo e também a dar nome a suas emoções, transformando uma sensação assustadora em algo mais possível de elaboração (PRETTE, 2005)

Com o livro infantil “Pode chorar, coração, mas fique inteiro”, os profissionais da psicologia podem estar trabalhando com as crianças diversas cenas e situações no decorrer da história. Como, por exemplo, o café com a Morte, onde os netos descobrem que ela não é um o ser maldoso e assustador que aparentava inicialmente e, assim, usar desta cena em específico para fazer perguntas à criança: “o que você acha que a Morte está fazendo ali?” “por que as crianças estão sentadas tomando café com a Morte?” “como a Morte parece ser, para você?” são perguntas que levariam a entender melhor a visão que a criança possui do fim da vida e a partir daí, seguir para as próximas páginas. Outra cena de muito potencial se encontra na última página do livro, onde um dos netos sente a presença de sua falecida avó através da brisa que entra pela janela do quarto onde ela costumava dormir: nesse momento, o psicólogo pode explorar junto com a criança como ela entende essa sensação do menino na janela e enfatizar a ilustração tão bonita de plenitude, retratando a conexão do amor que ele sente pela falecida avó. Há muitas maneiras de fazer uso do livro de Glenn, em muitas cenas,

ilustrações e trechos diferentes, variando da escolha de cada profissional. Porém, é inegável seu potencial, por tratar de um tema tão difícil com uma delicadeza única, sem nunca assustar e afugentar os leitores mais novos.

Em suma, nas palavras de Barros, a literatura é muito importante mesmo antes de a criança se tornar leitora, pois "(...) ouvir histórias tem uma importância que vai além do prazer. É através dela que a criança pode conhecer coisas novas, (...) ideias, valores e sentimentos, os quais ajudarão na sua formação pessoal" (2013, p. 22 apud SANTOS, 2022) e também "(...) o trabalho com as histórias presentes na literatura infantil coloca a criança como o centro das suas ações e dos questionamentos que surgem na infância para serem trabalhados de forma simples e desenvolvendo a consciência que é aplicada nos âmbitos sociais" (SANTOS, 2022, p. 2). Desta forma, compreende-se que o uso de livros infantis tal como o livro de Glenn Ringtved pode ser uma incrível ferramenta de aprendizado e ensinamento para pais, professores e psicólogos. Destaca-se também a necessidade de demais estudos acerca das possibilidades de mediações através dos livros e os respaldos que deles podem surgir para o manejo na clínica, escola ou demais contextos onde a psicologia pode atuar. Portanto, o luto é um tema amplo que nos convoca às mais diversas práticas para ser olhado, analisado e refletido. E por que não encerrar essas últimas reflexões com a criatividade?:

> Quando escurece, eu lembro que tenho que comprar flores. Não sei o funeral de quem ainda, mas sinto a Morte espreitando atrás das cortinas. Ela já me prometeu que viria, silenciosa e fria como uma noite de julho. Eu cubro meu rosto e rezo para o único deus em que acredito. No dia seguinte, corro para me arrumar. Jogo uma água no rosto e um cachecol sobre o ombro, lembrando de colocar duas meias antes de sair pela porta. Quando piso lá fora e o vento me abraça com os dois braços, noto que as azaleias desabrocharam no meu jardim. Reprimo um sorriso e penso: merda, essa Morte sempre deixando presentes. (TIRONI, 2023)

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1993.

ANDRADE, Marcela Lança de. Mishima-Gomes, Fernanda Kimie Tavares. Barbieri, Valéria. **Children's Grief and Creativity**: The Experience of Losing a Sibling. Psico-USF, 2018.

ARANTES, Ana Claudia. **A Morte é um dia que Vale a Pena Viver**. Editora Sextante, 2019.

BARASUOL, Evandir Bueno. **Do Luto à Luta**: contribuições do psicodrama na psicoterapia com mães que perderam filhos. Porto Alegre, 2012.

BEE GEES. **Wish You Were Here**. Miami: Warner Bros. Records, 1989. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rSkUT71URBc. Acesso em 26 Maio, 2023.

BOWLBY, John. **Apego e Perda**: Apego: a natureza do vínculo. São Paulo. Martins Fontes, 2009.

BUSARELLO, Flávia Roberta. **A Luta das Indígenas pelo Direito à Cidade**: uma análise centrada nos afetos. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2022.

BIANCHI, Vidica; CABELEIRA, Marciele Dias Santos; DOBLER, Guilherme Hammarstrom. **Desenvolvimento da Ludicidade nas Aulas de Educação Infantil**: um estudo bibliográfico. XVIII Seminário Internacional de Educação no MERCOSUL, 2018.

CAMPS, Patricia Barrachina. **Um olhar da Gestalt-terapia para o luto da criança**: uma revisão integrativa de literatura. São Paulo. Universidade Católica de São Paulo, 2022.

CAVALCANTI, Andressa Katherine Santos. SAMCZUK, Milena Lieto. BONFIM, Tânia Elena. **O conceito psicanalítico do luto**: uma perspectiva a partir de Freud e Klein. Psicólogo inFormação, 2013.

COSTA, Tânia Isabel Craveiro da. **O Luto como o vivemos** : Educar para a perda. Instituto Politécnico de Coimbra, 2012.

DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda. **Psicologia das habilidades sociais da infância**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2005.

FRANK, Viktor Emil. **Em busca de sentido**: Um Psicólogo nos campos de concentração. Petrópolis: Vozes; 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. Cortez editora, 2022.

FREUD, Sigmund. **Freud (1926 - 1929) - Obras completas volume 17:** O futuro de uma ilusão e outros textos. Editora Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Ediitora Atlas SA, 2008.

GRANADOS, Arlete Inocência Menezes Leal. **A leitura e a formação do leitor no âmbito da biblioteca escolar**: um mapeamento nos anais do CONEDU entre 2014 a 2019. Maceió: Conedu VII Congresso Nacional de Educação, 2020.

HISPAGNOL, Isabela Garcia Rosa et al. **O luto infantil e a construção de significados familiares frente à morte de um ente querido**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2011.

KOVÁCS, Maria Júlia. **A morte no contexto escolar**: desafio na formação de educadores. Formação e rompimento de vínculos: O dilema das perdas na atualidade, 2010.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo/FASESP, 2003.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1992.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Sofrimento da Equipe de Saúde no Contexto Hospitalar**: cuidando do cuidador profissional. O mundo da saúde, 2010.

KÜBLER-ROSS, Elizabeth. **Sobre a morte e o morrer**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

LINDEMANN, Erich. **Symptomatology and management of acute grief**. Am J Psychiatry, 1994.

LLENAS, Anna. **Vazio**. Moderna, 2018.

LUZ, Rodrigo. **Luto é outra palavra para falar de amor**: cinco formas de honrar a vida de quem vai e de quem fica após uma perda. Editora Ágora, 2021.

MOURA, Cristiana Marcos de. **Uma avaliação da vivência do luto conforme o modo de morte**. Brasília: Universidade de Brasília – Instituto de Psicologia, 2016.

MSAWA, Caio Satoshi et al. **Os efeitos do luto no cérebro**. [S.l.: s.n.], 2022.

MUNIZ, Carla. **Día de los muertos**: a comemoração mais popular do México. Toda Matéria. Disponível em <https://www.todamateria.com.br/dia-muertos/>. Acesso em 26 Maio, 2023

NOGUERA, Renato. **O que é o luto**: Como os mitos e as filosofias entendem a morte e a dor da perda. HarperCollins Brasil, 2022.

NUNES, Deise Cardoso et al. As crianças e o conceito de morte. Psicologia, Reflexão e Crítica, 1998.

PERAZZO, Sergio. **Descansem em paz os nossos mortos dentro de mim**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

RABELO, Marta Klumb Oliveira. **Um olhar fenomenológico sobre a morte na sociedade ocidental**: Testemunho histórico-antropológico. Outras Palavras: Revista científica da ESPAM. Brasília, 2006.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Editora Vozes Limitada, 2013.

RINGTVED, Glenn. **Pode chorar, coração, mas fique inteiro**. Companhia das Letrinhas, 2020.

RODRIGUES, Vânia Maria Amaral. **Uma revisão da literatura acerca do processo de elaboração do luto no sistema familiar e os manejos usados por psicólogos nesse contexto**. Psicologia.pt o portal dos psicólogos, 2016.

SANTOS, Eloá Bartolo Teixeira dos. **A literatura infantil no desenvolvimento do ensino-aprendizado na Educação Infantil**. Revista Educação Pública, Rio de Janeiro, 2022.

SANTOS, Janaina Luiza dos. MULATO, Sabrina Corral. BUENO, Sonia Maria Villela. **Morte e Luto**: a importância da educação para o profissional de saúde. Umuarama: Arq. Cienc. Saúde UNIPAR, 2014.

SANTOS, Renato Caio Silva; YAMAMOTO, Yuri Molina; CUSTÓDIO, Lucas Matheus Grizotto. **Aspectos teóricos sobre o processo de luto e a vivência do luto antecipatório**. Psicologia, 2017.

SAWAIA, Bader Burihan; SILVA, Daniele Nunes Henrique. **Pelo reencantamento da Psicologia**: em busca da positividade epistemológica da imaginação e da emoção no desenvolvimento humano. Cadernos Cedes, 2015.

SILVA, Flaviane Alves da; SOUZA, Míria Helen Ferreira de. **A contribuição da biblioteca para a formação leitora na infância**. Natal: Anais do III Conedu, 2016.

SPELMAN, Cornelia Maude. **Como eu me sinto…quando estou com ciúmes**. Todolivro, 2019.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

TIRONI, Karina Zulauf. Autoria própria, 2023.

VILELA, Ana Carolina Aleixo. **Kuarup – o ritual fúnebre que expressa a riqueza cultural do Xingu**. Ecoamazônia, 2018. Disponível em: https://www.ecoamazonia.org.br/2018/08/kuarup-ritual-funebre-expressa-riqueza-cultural-xingu/. Acesso em 26 Maio, 2023

VINCENTI, Marcel. **Na Indonésia, comunidade desenterra mortos para ritual com direito a selfie**. UOL, 30 Maio, 2022. Disponível em:<https://www.uol.com.br/nossa/noticias/redacao/2022/05/30/na-indonesia-comunidade-desenterra-mortos-para-ritual-com-direito-a-selfie.htm>. Acesso em 26 Maio, 2023.